

1) Kátia e Francisco

As provas da Professora Kátia “tiram o sono” de muitos de seus alunos. Extremamente rigorosa nessa cobrança, pensa que uma avaliação somente pode ser considerada significativa quando explora a capacidade de assimilação dos conteúdos ministrados em sala de aula. Cuidadosa, não deixa de anotar ao final de cada aula os pontos em que avançou no conteúdo, para que suas provas ilustrem, de maneira realista, tudo quanto de importante a aula abordou.

Kátia não impõe a seus alunos a obrigatoriedade da atenção ou da presença, destacando que aceita com liberdade o direito de assistirem suas aulas ou não. Afirma sempre: “Quem não está interessado, deve sair” e, naturalmente, buscar com os colegas o que perdeu. “Jamais perseguirei quem não entra ou, entediado, sai em meio à aula, mas esse aluno deve ter consciência de que se aqui não aprendeu, por outros meios necessitará aprender. E é através das provas que eu consigo mensurar este aprendizado”.

Muitas vezes, em conversa com os colegas, foi questionada sobre essa liberdade, nas quais buscavam mostrar-lhe que assistir aula não é apenas compromisso de aprendizagem, mas domínio de hábitos. Kátia sempre discordou de opiniões como essa, reafirmando que não “adestrava” hábitos. Mas nunca se esquecia de alertar que o fim essencial da aula é a aprendizagem, e dessa sempre cuidava.

Francisco, aluno de Kátia, iniciou o semestre e logo se destacou. Aluno dedicado, chegava sempre antes do horário inicial das aulas, era questionador e participativo. Após as provas da primeira etapa, embora tenha obtido resultado satisfatório nas primeiras notas, Francisco se tornou cada vez menos assíduo.

Em reunião com o colegiado do curso, Kátia iniciou lamentando a perda de interesse de Francisco nas aulas e sua possível reprovação. Lúcia, professora de Inglês do mesmo curso, relatou também ter estranhado a ausência do aluno e, questionando colegas dele, descobriu que Francisco reside em um município que fica 20km distante do *campus* onde estuda e havia iniciado o trabalho de entregador de água para ajudar na renda da família. Lúcia, argumentou que talvez estas dificuldades resultaram na queda do rendimento do aluno. Kátia, por sua vez, defendeu que o interesse do aluno deve se sobressair às dificuldades e que o mesmo não a havia procurado para esclarecimentos, o que a exime da responsabilidade de ajudá-lo.

Qual a opinião do grupo sobre a concepção de avaliação da Professora Kátia? É possível, com esta metodologia, identificar e intervir nas dificuldades específicas do aluno, durante o processo de aprendizagem? Se sim, como?

Na opinião do grupo, qual a importância do colegiado do curso, levando em consideração a situação descrita neste caso? Se participassem do colegiado de curso do referido caso, qual o posicionamento do grupo com relação à situação do aluno Francisco? Quais as possibilidades de intervenções institucionais o IFCE dispõe atualmente para casos como o de Francisco? Na opinião do grupo, qual a importância do trabalho em rede?

2) Uma semana interdisciplinar

Inicialmente os professores se surpreenderam e alguns chegaram mesmo a protestar. Mas como os argumentos propostos pelo diretor eram firmes e convincentes, as dificuldades foram sendo debatidas e, pouco a pouco, contornadas. Foi possível garantir que saíram da reunião confiantes e até entusiasmados com a iniciativa. A proposta era trabalhar a interdisciplinaridade e, dessa maneira, durante uma semana em especial os professores trocariam de papel. Mais ou menos como com uma equipe de futebol em que cada jogador seria escalado em posição diferente da sua, para a qual deveria se preparar bem. Quem ensinava matemática ensinaria Geografia, este ministraria aulas de História e, dessa forma, haveria um verdadeiro rodízio envolvendo toda a equipe. Mas é evidente que nesse novo papel não se esperava que um substituísse o outro ministrando conteúdos que não eram de sua especialidade. Cabia a cada professor se preparar com cuidado e coesão com seus colegas para verificar a presença de uma disciplina em outras, e sobre essa presença é que preparariam suas aulas da semana. Dessa forma, cabia ao professor de Ciências, por exemplo, verificar de que forma outras disciplinas se apresentavam em conteúdos e procedimentos da sua, e assim por diante.

Qualquer professor, ao olhar os conteúdos da disciplina que não era a sua, por certo perceberia uma infinidade de relações. Como, por exemplo, trabalhar o tema “população” em Geografia sem o uso de estatísticas e gráficos da Matemática? De que maneira seria possível explicar em História Geral uma revolução cultural acontecida há tempos em determinado lugar, sem seus reflexos na Arte e na Literatura? Assim, o que se esperava do professor naquela semana era ajudar os alunos a perceberem conteúdos, atitudes, competências e procedimentos de outra disciplina.

Desnecessário destacar que houve intenso preparo, mas que a iniciativa coroou-se de sucesso. Percebeu-se que não apenas os professores estavam como que “viciados” em olhar conteúdos de uma disciplina, distanciando-os dos conteúdos de outra, como os próprios alunos também haviam se “contaminado” em isolar saberes, guardando-os em gavetas que pareciam jamais se comunicarem. Não foram poucos os professores que, entusiasmados, pediram que outras semanas iguais fossem promovidas.

À gestão, a quem coube a ideia da iniciativa, sobrou o alvoroço de um início no qual, assustados, os professores o criticaram afirmando-se perdidos, mas também a serenidade de um resultado positivo para os alunos, para a comunidade e pela consciência profissional de cada membro de sua equipe.

O que o grupo acha da especialização excessiva de cada professor, esquecendo em suas aulas do caráter interdisciplinar de todo conteúdo cultural? O que o grupo acha da proposta explicitada neste caso? Qual acredita ser a opinião de seus colegas se a apresentar como uma proposta a ser desenvolvida? Que tipos de dificuldade acredita que encontrará? Você conhece casos de escolas com ideias e procedimentos semelhantes? Qual a sua opinião sobre as estratégias de envolvimento da equipe docente desenvolvidas na escola? O que mudaria na proposta apresentada neste caso para aproveitá-la no ambiente em que trabalha? Acredita que a estratégia proposta com firmeza pela gestão implicaria maior entrosamento docente?

3) Lousa digital e tablets. Professauros ou Professores?

Cenário I

Parece uma escola do futuro. Lousa digital, todos os alunos com tablets na mão.

Aula

O professor projeta uma imagem, sintoniza uma música em tom baixo e solicita aos alunos que acessem o quarto capítulo. Inicia sua exposição e, de tempos em tempos, interrompe-a e pede aos alunos que leiam em voz baixa um parágrafo que a confirma. Volta a sua explanação, comenta o parágrafo seguinte e com toques na lousa apresenta um quadro sinótico ilustrado por fotos e gráficos que ratifica a informação. Brinca com as figuras, deslocando-as de lá para cá e algumas vezes aumentando-as. Mais uma vez pede aos alunos que as localizem em seus tabletes e as observem. Volta à exposição por mais alguns minutos, substitui o fundo musical, pergunta se ficou alguma dúvida e encerra a aula.

Cenário II

É realmente, uma escola do futuro. Lousa digital, todos os alunos com tablets na mão.

Aula

Uma semana antes do dia marcado no cronograma para que a aula aconteça, os elementos essenciais da mesma já estão postados na internet ou enviados por seu e-mail. Não é a aula completa, é um esboço contextualizando o tema a ser aprendido, e cada um de seus tópicos ou itens chega pleno de desafios, sugestões propostas, problemas. A tarefa do aluno é baixá-la e buscar resolver as tarefas, podendo, se desejar, ligar para colegas, conversar com seus pais, mas mergulhar com intensidade em múltiplas pesquisas. O esboço preparado pelo professor transforma-se com a supervisão do aluno em um projeto mais definido, ainda que incompleto. Na escola, ainda antes da aula, é essencial que o aluno faça uma reunião com seus colegas de equipe e que discutam intensivamente o esboço ampliado e transformado em casa. Se o aluno desejar, pode modificar seu projeto após debatê-lo com os colegas de grupo. Não é essencial que todos os componentes cheguem à aula com igual esquema.

Chega o dia da aula. Na lousa eletrônica aparece o esboço original e o professor ouvindo os grupos. Colhendo impressões, julgando intervenções, vai aos poucos interagindo com a classe e com a lousa, dando contornos mais definidos ao esboço inicial. Cabe aos alunos, se desejarem, também produzirem modificações no projeto trazido, ainda que não seja o essencial que todos os alunos tenham esse esquema de aula absolutamente igual. Não existe para o professor qualquer esboço pré-concebido, e a riqueza do projeto final sempre depende das intervenções e propostas colhidas. Muitas vezes os mesmos temas, em turmas diferentes, apresentam-se desiguais e personalizados, ainda que preservando suas ideias-âncora, suas conclusões essenciais. A aula se aproxima do final e os debates prosseguem com professor e alunos interagindo e dando ao projeto seu formato definitivo. Se desejar, o aluno pode imprimir essa aula integral e organizá-la em uma pasta ou deixá-la agora definitiva e salva em seus tabletes. A aula termina.

Qual a análise crítica que o grupo faz diante dos cenários 1 e 2? A quais conclusões chegou? Qual, na opinião do grupo, é o impacto das novas tecnologias sobre o processo de ensino e aprendizagem no Brasil? Acreditam que o Cenário 2 expressa de forma ideal uma aula de qualidade em um ambiente virtual? Que reparos o grupo faria a essa aula? Como seria possível sem tablets e sem lousas eletrônicas desenvolver uma aula na qual os objetivos do Cenário 2 fossem alcançados?

4) Rafael e Ana Clara

O professor Rafael, que atua no curso de Mecânica Industrial, sempre foi muito organizado e cumpria todos os prazos estabelecidos pela instituição na qual trabalhava há mais de 15 anos. Seu plano de curso e o material utilizado em sala de aula eram bem preparados e sempre teve a preocupação de expor no primeiro dia de aula todo planejamento da disciplina, o cronograma de avaliações e os conteúdos a serem cobrados em cada uma delas.

A gestão de ensino do campus convocou uma reunião com o colegiado do curso, a partir de demanda da Assistência Estudantil e da Coordenadoria técnico-pedagógica, para socializar o perfil dos alunos novatos, obtido a partir do questionário multidisciplinar. Dentre os alunos novatos, o curso receberia uma aluna com baixa visão, Ana Clara. O coordenador do curso, pediu que os professores pesquisassem estratégias para melhor acompanhá-la e informou, que dentre as necessidades educacionais específicas dela (apontadas pelos setores ligados ao ensino), estaria a de adaptar o material didático (aumento da fonte). Rafael questionou esta estratégia, por já ter preparado todo o material com antecedência, bem como por não ter conhecimento para lidar com alunos com este perfil, alegando esta tarefa ser de responsabilidade exclusiva dos técnicos pedagogos.

Qual a opinião do grupo com relação à postura adotada pelo professor Rafael? O grupo considera que os docentes no IFCE têm amparo institucional para lidar com inclusão? Qual a importância do colegiado do curso e do trabalho coletivo, levando em consideração a situação descrita neste caso? Se participassem do colegiado de curso do referido caso, qual o posicionamento do grupo com relação à situação descrita? Quais as possibilidades de intervenções institucionais o IFCE dispõe atualmente para casos como o de Ana Clara? Na opinião do grupo, qual a importância do trabalho em rede?

5) Guilherme e Aline

No início do semestre, a pedido da direção de ensino e das coordenações de cursos, todos os professores do curso Técnico em Eletricidade já tinham enviado seus planejamentos para o ano vigente. Ao iniciarem as aulas, o professor de Matemática, Guilherme, identificou que os alunos apresentaram um nível de conhecimento muito aquém do esperado para cursar sua disciplina. Ao conversar com a professora Aline, de Língua Portuguesa, constatou que não era uma situação exclusiva da Matemática.

Os dois professores se reuniram e, pensando em estratégias para minimizar esta situação, chegaram a conclusão que seria interessante a realização de um programa pedagógico, envolvendo as demais áreas do conhecimento, para intervir no déficit que os alunos traziam da educação básica e, a partir daí, terem condições de acompanhar o nível das disciplinas do curso. Solicitaram à coordenação do curso o agendamento de reunião com o colegiado, a fim de discutir e elaborar o programa.

Durante a reunião, os professores, Aline e Guilherme, expuseram a situação e socializaram uma proposta inicial elaborada por eles, mas que requeria a contribuição dos demais docentes. A ideia central consistia em um programa desenvolvido no período de aulas do curso, alternando as disciplinas, de forma que cada disciplina “abriria mão” de uma fração da sua carga horária, em prol do programa.

Após a explanação, o grupo ficou dividido. Parte dos docentes acharam a ideia bastante pertinente e viável. Contudo, alguns professores argumentavam que, de acordo com o Programa da Unidade Didática (PUD), não havia sobra de carga horária e, portanto, a destinação do tempo para a realização do programa, prejudicaria o perfil do egresso estabelecido na matriz, uma vez que comprometeria o repasse dos conteúdos programático da sua disciplina.

Foi sugerido que o programa fosse realizado no contraturno das aulas. Porém, Aline e Guilherme ressaltaram que a maioria dos alunos trabalhava neste período, o que inviabilizaria a participação dos mesmos.

Qual a importância do colegiado do curso e do trabalho coletivo, levando em consideração a situação descrita neste caso? Se participassem do colegiado de curso do referido caso, qual o posicionamento do grupo com relação à situação descrita? Qual a opinião do grupo acerca da proposta de Guilherme e Aline? O que mudaria na proposta apresentada neste caso para aproveitá-la no ambiente em que trabalha? Qual outra estratégia vocês vislumbram para minimizar a realidade do déficit na educação básica nos alunos que chegam ao IFCE? O grupo conhece casos de escolas com ideias e procedimentos semelhantes? (Se sim, qual?)

